

Amor, respeito e superação

A administradora Eliene Maciel, de 49 anos, abraça com fervor a missão de educar a filha, Emanuelle Sofia Maciel (Manu), 10, incorporando de maneira positiva a negritude em sua criação. “A identidade racial foi introduzida em nossa família desde cedo. Lembro-me claramente de quando Emanuelle tinha apenas 4 anos e frequentava uma creche. Nesse período, as crianças, em suas tentativas de atingi-la, direcionavam críticas principalmente ao seu cabelo cacheado.”

Eliene lembra que, quando a filha compartilhou essa história pela primeira vez, uma enxurrada de lembranças da própria infância, marcada pelo preconceito devido à cor da pele, à classe social e ao fato de ser filha de pais separados, invadiu sua mente. “Segurei minhas lágrimas e expliquei a ela que cada indivíduo é único, que sua beleza transcende padrões e que seu cabelo, seja cacheado ou alisado, é uma expressão autêntica de quem ela é.”

Em outra ocasião, Eliene conta que, durante uma ida ao shopping, Manu teve uma crise de choro que, à primeira vista, parecia sem motivo. “Ao chegarmos em casa, tivemos uma conver-



Emanuelle com os pais, Eliene e Carlos: empoderamento

sa franca. Foi então que ela revelou sentir-se feia por não ter cabelos lisos e olhos claros.” A administradora disse a Manu que os padrões de beleza são diversos e subjetivos, enfatizando que a achava linda, e que sua beleza única é digna de celebração. “Foi nesse momento que ela expressou o desejo de ser modelo, inspirada por Gisele Bündchen. Apresentei-lhe diversas modelos negras, desmistificando a ideia de que esse caminho era distante demais para nós. Reforcei que ela pode ser o que quiser, basta acreditar.”

Para Emanuelle, a influência positiva da negritude é um alicerce essencial para sua identidade e autoestima, especialmente em um ambiente familiar inter-racial. Eliene e o marido, o representante comercial Carlos Antônio Batista, 70, colaboram ativamente para criar um ambiente que celebra

e respeita a diversidade cultural na educação da filha. “Emanuelle é uma menina amável, espalha amor e respeito por onde passa, e dentro de casa não é diferente. Demonstra carinho por nós e faz questão de nos apresentar aos amigos.”

As discussões sobre cultura, raça e diversidade em casa são conduzidas com base na perspectiva única da criança. “Emanuelle expressou interesse em conhecer mais sobre os avós e bisavós, tanto maternos quanto paternos, o que é incentivado por Carlos, que, apesar da pele clara, reforça sua origem negra, uma conexão com seus avós negros.” Emanuelle destaca que as experiências vividas em uma família inter-racial têm impactado positivamente sua compreensão da diversidade, enriquecendo sua perspectiva sobre identidade e inclusão.

COMO FICA A SAÚDE MENTAL?

A psicóloga Nathalie Gudayol, especialista em neuropsicologia e neurociência, explica que as experiências de discriminação racial dentro de famílias inter-raciais podem causar estresse emocional, ansiedade e impactar negativamente a saúde mental dos indivíduos. “Isso pode resultar em conflitos familiares, sentimentos

de isolamento e uma carga psicológica adicional de lidar com a discriminação tanto dentro quanto fora de casa. O suporte emocional e a comunicação aberta podem desempenhar um papel essencial na mitigação desses impactos.”

Segundo a especialista, ser chamado por termos pejorativos dentro do ambiente

familiar pode resultar em danos psicológicos significativos. “Pode levar a uma baixa autoestima, ansiedade, depressão e um sentimento de desvalorização pessoal. Além disso, esses insultos podem contribuir para o desenvolvimento de complexos de inferioridade e afetar a autoimagem da pessoa, influenciando negativamente seus relacionamentos e a autoconfiança ao longo do tempo.”